

# ANTROPOLOGIA E A TRADUÇÃO DE PALAVRAS-CHAVES

John Beekman

**Introdução: A antropologia é importante para o tradutor.**

## **A descoberta de possíveis equivalentes para termos-chave no Novo Testamento**

1. O método que utiliza textos nativos
2. Exemplos hipotéticos
3. O método de fazer perguntas
4. Ouvindo a conversa dos outros

## **Validando o significado, na língua receptora, dos termos-chave**

1. O exame obverso
2. Análise dos componentes

## **Escolhendo ou adaptando possíveis termos-chave**

1. Escolhendo entre um termo na língua materna e um termo emprestado que já está parcialmente ou totalmente assimilado na língua
2. Modificação dum termo da língua materna ou dum termo emprestado
3. Dependência do contexto para modificar um termo nativo ou um termo emprestado

Conclusão: Durante o processo todo da tradução, precisa haver sempre um enfoque na orientação sociolingüística e antropológica.

## **INTRODUÇÃO**

Uma boa tradução resulta quando o tradutor reconhece a importância da boa exegese bíblica, da antropologia e da lingüística (inclusive a lingüística aplicada) para a alfabetização e a tradução. Frequentemente os tradutores deixam de aplicar a disciplina da antropologia à seleção de termos-chave do Novo Testamento. É este o tema do presente trabalho.

Teologicamente, os termos técnicos criam um problema para o tradutor, porque este tem que usar o vocabulário já existente na língua receptora e aplicá-lo a um sistema de pensamento diferente daquele no qual esse vocabulário normalmente é usado. Em outras palavras, o tradutor enfrenta o desafio de representar, adequadamente, a mensagem cristã com um sistema vocabular antes usado principalmente, ou talvez exclusivamente, para representar um sistema de pensamento não-cristão. Esse processo envolve não só a reconciliação de sistemas lingüísticos diferentes, senão também dos sistemas de pensamento transmitidos pelas estruturas lingüísticas.

Cada cultura, e, portanto, cada língua, carrega em si a sua própria cosmovisão. É importante, portanto, que o tradutor entenda a cosmovisão e a maneira de pensar dos falantes da língua receptora. Para chegar a esse entendimento, ele precisa pesquisar as estruturas sociais, padrões de autoridade, e crenças religiosas da cultura da língua receptora. O seu alvo é chegar a uma compreensão íntegra da cultura da língua receptora.

Concordo com a seguinte afirmação feita por Sherwood Lingenfelter no seu artigo titulado A RELEVÂNCIA DO ESTUDO ANTROPOLÓGICO DE PARENTESCO E DE POLÍTICA LOCAL À PESQUISA LINGÜÍSTICA E À TRADUÇÃO:

“Se não se entende a estrutura básica dentro da qual as pessoas agem, não será possível entender suficiente da cultura para traduzir eficazmente...A antropologia nos providencia as ferramentas que nos ajudam a descobrir importantes significados culturais que não se tornam evidentes numa análise lingüística...Para estudar o significado é necessário estudar todo o contexto cultural no qual a gramática e o vocabulário são usados pelos falantes nativos para gerar as interpretações importantes para eles no seu próprio ambiente social e ecológico.”

Não há nenhuma dúvida de que um bom entendimento da cultura do povo é essencial à tradução adequada. Este entendimento influi na qualidade da tradução em todos os seus níveis, mas se torna especialmente importante ao tratar-se daqueles termos cruciais no Novo Testamento que são essenciais à compreensão da mensagem do evangelho. A necessidade de entender a cultura da língua receptora e como ela se relaciona às práticas e crenças religiosas, é crucial quando se trata da tradução dos termos-chave do Novo Testamento. Desde que existem várias opiniões no tocante aos termos do Novo Testamento que devem ser considerados termos-chave, para este artigo, limito a minha escolha a nomes para seres sobrenaturais e palavras usadas nas Escrituras para descrever os relacionamentos principais entre estes seres e os seres humanos. Incluem-se termos como os seguintes: Deus, Espírito Santo, Filho de Deus, Diabo, demônio, anjo, e termos básicos tais como: pecado, perdoar, amor, arrepende-se, inferno, vida eterna, céu, salvação, fé, e juiz.

O restante deste trabalho discute alguns princípios fundamentais que são úteis no processo de descobrir equivalentes adequados para os termos-chave do Novo Testamento. É apresentado em três partes:

1. Como descobrir possíveis equivalentes para termos-chave do Novo Testamento que talvez possam ser úteis na tradução, ou que pelo menos ajudarão na compreensão do sistema de crenças do povo.
2. Como validar o significado destes possíveis termos-chave na língua receptora.
3. Como escolher ou adaptar os possíveis termos-chave.

#### **A Descoberta De Possíveis Equivalentes Para Termos-Chave No Novo Testamento.**

Existem quatro métodos que têm sido usados com êxito para descobrir possíveis termos-chave. São: 1) o uso de textos nativos; 2) o uso de exemplos hipotéticos; 3) o

uso de perguntas e 4) escutar a conversa dos outros. Estes têm sido colocados na ordem mais provável quanto à sua utilidade para o tradutor.

Num trabalho não publicado escrito por Harry McArthur muitos anos atrás, ele mostra como um texto breve, de menos de uma página escrita à máquina, produziu um verdadeiro arquivo de ricas informações. Ele introduz o seu trabalho de maneira apropriada dizendo:

“Um bom conhecimento das crenças religiosas dum povo é essencial para uma tradução bem sucedida... Um bom entendimento das crenças e práticas religiosas só pode ser ganho através dum relacionamento íntimo com o povo e dum esforço consciente e consistente de descobrir as suas normas. Uma das áreas mais frutíferas para ser investigada é a da mitologia, que trata da origem e da descrição do mundo, da origem e do raciocínio por trás das crenças e costumes observados durante vários momentos críticos da vida tais como nascimento, puberdade, casamento e morte. Este tipo de texto é muito valioso para o tradutor, porque revela áreas onde há uma falta de correspondência quanto a objetos, ações e conceitos. Estes textos são ricos em palavras e expressões idiomáticas que podem ser usadas confiantemente para expressar muitas verdades bíblicas.”

Num texto breve que tratava duma cerimônia no lado duma montanha e realizada por um pajé na presença dos pais com o propósito de constatar o nascimento do seu filho no mundo dos espíritos, foram descobertos os seguintes possíveis termos-chave que podiam ser usados no Novo Testamento: salvador, senhor, fiador, para nos comprar, seus corações podiam ser lavados, pecados, falhas, sagrado, e o conceito de se tornar branco (ou lavado dos pecados). O artigo destaca que muitos destes termos chegaram a ser úteis e, ainda que fossem achados em contexto, verificou-se que alguns deles tinham um significado alheio àquele que no início se supunha. Por exemplo, descobriu-se que “os pecados se tornam brancos” significava que estavam sendo revelados ou manifestados.

Um segundo meio usado para descobrir possíveis termos-chave é o do exemplo hipotético. Muitos tradutores têm achado termos-chave através deste método. É necessário certo entendimento da cultura para poder imaginar situações apropriadas que já ocorreram ou que poderiam ocorrer. Possíveis termos para perdão, arrependimento, e salvação às vezes têm sido obtidos através de histórias hipotéticas quando não foi possível descobri-los por outros meios.

Um dos nossos tradutores na Colômbia, que trabalhava com o povo desano, não podia achar um termo para “salvação.” Eu sabia, com base na minha própria experiência com histórias hipotéticas, que seria inútil dar apenas um exemplo que pudesse resultar numa resposta específica. Por isso, quatro exemplos foram dados antes de se fazer qualquer pergunta. O primeiro exemplo envolvia um rapaz que estava derrubando uma árvore. A árvore torceu quando caiu, e o rapaz ficou preso debaixo de um dos galhos pesados. Horas depois, Roberto chegou e cortou o galho, livrando o rapaz. O segundo tratava dum homem numa canoa que capotou ao bater contra um tronco submerso, jogando-o na água. O homem não podia nadar. Roberto por acaso passou por ali, pulou na água, e arrastou o homem até a beira, salvando assim a sua

vida. O terceiro falava sobre um homem que caçava no mato. Ele atirou num porco do mato, ferindo-o, mas infelizmente o animal não morreu. O porco voltou-se para o homem e estava atacando quando Roberto viu a situação, atirou no porco e o matou. O último exemplo era duma casa que estava em chamas. Descobriu-se tarde demais que havia um nenê dentro da casa. Roberto empurrou a um lado os que olhavam a cena aterrados e arriscou sua vida para salvar a criança. Depois se fez a pergunta: “O que foi que Roberto fez para estas pessoas?” O ajudante na língua pensou um pouco e depois disse: “Ele os atravessou.” Com o uso de várias histórias, foi possível obter uma resposta genérica que se aplicava a todos quatro exemplos.

Um terceiro meio de se obter termos-chave é fazer perguntas que resultem na descoberta de nomes de seres sobrenaturais. As perguntas que deverão ser feitas dependerão do termo que estiver sendo procurado. É importante sempre guardar em mente o fato que é quase impossível fazer uma pergunta que não envolva alguma pressuposição. As pressuposições daquele que faz as perguntas podem ser errôneas na cultura da língua receptora, invalidando assim as respostas recebidas. Vamos imaginar, por exemplo, que alguém esteja fazendo uma pergunta para descobrir um possível termo para “diabo.” Ele talvez pergunte, “Quem é que nos faz pecar?” Esta pergunta pressupõe que o pecado origina num ser espiritual ao qual se refere com uma forma animada. Porém, pode ser que a cultura em questão não atribua o pecado a nenhum ser espiritual, ou mesmo que atribua, talvez use uma forma inanimada na pergunta. O resultado pode ser uma resposta que o tradutor interpreta incorretamente, pensando ter achado um equivalente para a palavra “diabo.” Por outro lado, às vezes as pressuposições não apresentam nenhum problema no processo de fazer surgir possíveis termos para um dado ser sobrenatural.

Existem várias perguntas relevantes que podem ser feitas para descobrir um termo no vernáculo para Deus, tais como: Quem fez a terra, quem criou o primeiro homem e a primeira mulher, quem é que tem mais poder do que qualquer outro?

Outras perguntas podem ser formuladas para trazer à luz nomes para demônios e Espírito Santo. Uma boa aproximação para se descobrir possíveis termos para o Espírito Santo é perguntar quais são os componentes dum ser humano. Frequentemente o termo para o espírito do homem – quando ele está vivo – pode também ser usado para se referir ao Espírito de Deus. Depois duma pessoa morrer, às vezes se refere ao espírito dela com um termo que significa essencialmente “espírito incorpóreo,” e que em muitas culturas equivale um espírito maligno. Portanto, fazer uma pergunta tal como: O que é que continua a viver depois de nós morrermos? pode suscitar um termo que significa espírito incorpóreo. A pressuposição que tal termo também se refira ao espírito de uma pessoa viva e que possa, portanto, talvez ser usado para se referir ao Espírito de Deus iria introduzir erros tais como: Deus está morto, Ele é mau.

O quarto e último método usado para descobrir possíveis termos-chave é escutar a conversa dos outros e observar como certos termos são usados. Muitas vezes quando se envolve em atividades médicas ou em outros tipos de interação com grupos de pessoas, ouvem-se termos novos durante as conversas. Ao se notarem estes termos, o contexto em que ocorrem vai indicar se representam possíveis equivalentes para termos-chave do Novo Testamento.

Cada um destes métodos tem as suas vantagens e desvantagens. Nenhum deles deve ser considerado adequado em si mesmo. As descobertas feitas através de qualquer um destes métodos ou duma combinação deles somente podem ser tratadas como possíveis equivalentes para termos-chave do Novo Testamento, e não como equivalentes já aceitos. Cada meio de descobrir termos-chave exige um estudo mais profundo para validar os significados atribuídos aos termos em questão.

### **Validando O Significado De Possíveis Termos-Chave Na Língua Receptora**

Há basicamente dois meios através dos quais se pode validar o significado dos possíveis termos-chave. São: o exame obverso e a análise dos componentes.

Em poucas palavras, o exame obverso representa a inversão do método usado para descobrir possíveis termos-chave. No caso do método que utiliza textos, por exemplo, tira-se o possível termo-chave do seu contexto, dá-se a um segundo indivíduo (não aquele que produziu o texto original) e se pede que ele mostre contextos em que a palavra seria usada. O significado da palavra em questão, que foi derivado destes contextos, será, então, comparado com o sentido dado a ela à base do contexto original. Se o significado que resulta deste exame coincide com o primeiro significado que foi dado à palavra, o ciclo está completo. Isto é, o analista começou com uma palavra no seu contexto, à qual certo significado foi designado. Depois a palavra foi tirada do seu contexto e comunicada a outro ajudante lingüístico, que citava um ou mais contextos que indicavam o mesmo significado, completando assim a ligação entre a palavra, as situações em que ela está usada e seu significado.

Esse exame obverso pode ser aplicado ao método que usa exemplo hipotético de maneira semelhante. Para ilustrar o método do exemplo hipotético, foram dados quatro exemplos, dos quais foi tirado um termo para “salvação” pelo povo desano da Colômbia. Teria sido prematuro pressupor naquele momento que tivesse sido achado um termo adequado para “salvação”. O próximo passo foi tirar o termo do seu contexto e pedir a outro ajudante lingüístico que desse exemplos mostrando como e quando tal termo seria usado. Se os exemplos dados por este segundo ajudante concordassem quanto ao seu sentido com aqueles dados pelo primeiro, então o termo poderia ser usado com confiança nos contextos das Escrituras.

A aplicação deste exame ao método de colocar perguntas faz uso do mesmo princípio de inverter o modo de prosseguir. Com este método, perguntas são formuladas da perspectiva das Escrituras que trazem à tona possíveis termos para seres sobrenaturais. Para acertar se estes termos são aceitáveis ou não como equivalentes de termos nas Escrituras, é necessário formular perguntas que tragam à luz o significado deles. Alguns exemplos de perguntas seriam: Quem é Fulano? O que ele faz? Que mais ele faz? De onde ele vem? Como ele é? Que poder ele tem? Onde ele mora? O que ele não pode fazer? Perguntas semelhantes a estas seriam formuladas para descobrir as características e atividades de todos os seres sobrenaturais investigados. Como nos outros casos acima mencionados, os termos podem ser validados ao comparar a informação ganha na pesquisa inicial, na qual foi tirada o nome do ser sobrenatural, com a informação ganha na segunda pesquisa, feita com outro ajudante lingüístico, através da qual foram descobertas as características e atividades deste ser.

O inverso do método de escutar funciona de maneira semelhante àquela que já foi esboçada. Os termos ouvidos nos contextos de conversas agora são tirados destes contextos e verificados com outro ajudante na língua, da mesma forma acima descrita.

O segundo meio pelo qual se pode validar termos-chave é a análise de componentes. Esse método é especialmente útil quando existem vários termos possíveis para palavras tais como pecado, Diabo, ou Deus, e se torna sumamente importante diferenciar com o máximo de precisão os vários componentes de significado que distinguem um termo de outro no caso de haver mais de um termo no mesmo grupo semântico. Esse processo se discute no livro de Nida, bem como no livro TRANSLATING THE WORD OF GOD. É preciso aplicar este método quando há mais de um termo que ocupa o mesmo espaço semântico.

### **Escolhendo ou Adaptando Possíveis Termos-Chave**

Descobertos os possíveis termos-chave e estabelecidos os seus significados no tocante ao seu uso pelo povo, é necessário que o tradutor faça ainda outra avaliação. Os exames obversos verificam o seu sentido quanto à comunicação do povo entre si, porém não indicam (1) se os termos representam corretamente os conceitos bíblicos em questão, e (2) se representam a maneira mais natural e relevante de expressar estes conceitos na língua receptora. O processo pelo qual o tradutor chega a uma forma de expressão correta, natural e mais relevante às vezes se chama do processo de contextualização lingüística. O relatório de Lausanne chamado “O Relatório do Evangelho, da Contextualização e do Sincretismo,” dá quatro definições da contextualização. Uma delas se refere ao processo de traduzir, e se chama “Contextualização Lingüística.” Nesse relatório, refere-se a um meio especial de alcançar a contextualização ao falar da utilidade e das limitações dos substitutos culturais. O termo “contextualização” é outra maneira de se referir a metas já delineadas na documentação que trata de nossos princípios de tradução. Porém, as metas da contextualização lingüística devem nos animar, e desafiar-nos a concentrar os nossos esforços no alcance de termos equivalentes que sejam não somente corretos, senão também relevantes para o povo.

Em todas as traduções haverá muitos termos na língua materna que poderão ser usados sem nenhum problema. É bom para o tradutor quando um só conceito ou expressão idiomática usado na língua receptora expressa bem um conceito-chave, ou qualquer outro conceito, do Novo Testamento. Infelizmente, porém, isso nem sempre acontece. Expressões equivalentes nem sempre se encontram facilmente, e nestes casos o tradutor precisa introduzir algumas adaptações a termos que possivelmente podem ser usados como equivalentes mas que em algum aspecto ou outro apresentam falhas. Em tais casos, o tradutor tem à sua disposição três recursos que podem ser usados para chegar a equivalentes adequados. Estes recursos são: (1) empréstimo, (2) modificação, e (3) dependência contextual.

## **Escolhendo Entre Um Termo Na Língua Materna E Um Termo Emprestado Já Parcial Ou Totalmente Assimilado À Língua**

Os termos emprestados podem ser de dois tipos: os desconhecidos que não têm nenhum sentido, ou termos que já foram parcial ou completamente assimilados. Este último tipo é o enfoque do comentário que segue.

Os termos que já são parcialmente ou totalmente assimilados vêm, obviamente, de outra língua. Quando o tradutor é obrigado a escolher entre um termo emprestado já assimilado e um que vem da língua materna, é importante que ele entenda o significado dado a cada termo pelo povo. Embora haja alguns princípios básicos que possam ajudar o tradutor a tomar uma decisão, a variedade de fatores que têm que ser considerados às vezes resulta em uma escolha diferente para cada situação. Portanto, não é possível sugerir uma preferência para termos no vernáculo ou termos emprestados.

Às vezes um termo emprestado no vernáculo apresenta desvantagens sociolinguísticas; porém, elas podem ser temporárias. Por exemplo, numa tradução para certo grupo nas Filipinas muitos anos atrás, um termo para Deus foi emprestado de outro grupo vizinho. A resposta à mensagem foi: “Por que devemos nos preocupar com o Deus de outras pessoas?” O tradutor então mudou para o uso do termo na língua materna, que foi aceito pelo seu ajudante sem nenhuma objeção. Pouco tempo depois o ajudante, que já mostrava interesse no evangelho, tornou-se crente. Através do seu testemunho, vários outros se converteram. Quando cresceram na fé e no conhecimento, resolveram adotar o termo emprestado que no início foi usado pelo tradutor.

Às vezes um termo emprestado e bem assimilado carrega o sentido certo apenas para os cristãos do grupo. Em certo grupo no Brasil, por exemplo, termos emprestados foram introduzidos oralmente muito tempo antes do tradutor chegar à área. Os cristãos estavam tão acostumados a usar estes termos para se referirem aos seus seres sobrenaturais que não teria sido boa idéia tentar introduzir termos mais adequados na língua materna. A razão desta decisão foi reforçada ainda mais pelo fato de que o primeiro grupo missionário continuava a se interessar pelo grupo indígena. Embora seja quase impossível fazer mudanças em termos-chave que já estão sendo usadas e que são aceitos pelos líderes da igreja, quando são inadequados e mal entendidos ou pelos crentes ou pelos não-crentes, deve-se fazer um esforço para achar termos que melhor representem esses conceitos fundamentais.

Frequentemente, quando um termo já foi parcialmente assimilado, ele logo é considerado equivalente a um termo já existente na língua. Uma vez que um termo emprestado se considera equivalente a um termo já existente na língua, geralmente é anulado o motivo do empréstimo.

Desde que as sociedades indígenas tendem a cultuar maior número de deuses ou seres sobrenaturais do que se encontram na tradição cristã, alguns tradutores têm observado que tais termos emprestados e parcialmente assimilados podem se referir a um deus num contexto, e a outro deus em outro contexto. Esta situação intolerável invalida o possível uso de tal termo.

Quando um termo emprestado é considerado equivalente de um termo na língua materna, às vezes se atribui mais prestígio ao termo emprestado. Um exemplo disso seria o termo “Espírito Santo”. No mundo hispânico, a palavra “santo” geralmente se refere a uma imagem, e comunica informação errada quando se tenta referir à pessoa do Espírito Santo. Porém, em algumas línguas da América Latina, entre elas a língua Chol, é possível emprestar uma parte do termo, ou seja a palavra Espírito, que equivale o termo para espírito na língua materna. Ao juntar esta palavra com um termo na língua indígena que significa “santo”, pode-se criar uma equivalência aceitável para a pessoa do Espírito Santo. Uma palavra emprestada e assimilada serve como parte íntegra da frase.

É importante que o tradutor esteja consciente de que empréstimos que são parcial ou totalmente assimilados podem ter uma combinação distinta de componentes que não seja aquela usada na cultura que a emprestou nem o equivalente de nenhum termo local. Por último, é importante salientar que frequentemente um termo emprestado parcial ou totalmente assimilado é mais sujeito a correções decorrentes da sua aparência em contextos diferentes. Este assunto será tratado em mais detalhe ao discutirmos o processo de contextualização mais adiante neste trabalho.

### **A Modificação Dum Termo Na Língua Materna Ou Dum Termo Emprestado Sem Significado**

O segundo meio disponível ao tradutor para a adaptação dum termo chave é (1) modificar um termo que por qualquer razão seja inadequado na língua materna, ou (2) modificar um termo emprestado que não tem significado para o povo.

Empréstimos vazios de sentido são inevitáveis numa tradução por causa da distância temporal e cultural entre o texto do Novo Testamento e o grupo pelo qual a tradução está sendo feita. Portanto, muitas vezes o melhor equivalente é simplesmente emprestar um termo desconhecido e modificá-lo com um classificador. Este sistema se aplica muito bem a itens ligadas especificamente à cultura bíblica, tais como nomes de rios, lugares, religiões e grupos políticos. Nesta categoria se encontram termos como: templo, saduceus, fariseus, levitas, sinagoga, etc. Até mesmo nos casos de cargos religiosos tais como diácono e ancião, muitas vezes é melhor usar termos emprestados, evitando assim as implicações de feitiçaria e idolatria que são com tanta frequência associadas aos termos que possivelmente poderiam ser usados na língua materna. Porém, este tipo de empréstimo nunca deveria ser usado para representar os conceitos básicos tais como oração, arrependimento, conversão, salvação, perdão e pecado.

Quando se emprestam termos desconhecidos, é porque o conceito em questão é novo para o povo, ou porque é preferível começar com um termo sem qualquer sentido ao invés de usar um termo na língua materna cujo significado básico não pode, de nenhuma maneira, ser usado como equivalente. Quando se empresta um termo que não tem nenhum sentido anterior para o povo, é necessário acrescentar um classificador ou uma descrição apropriada que dê sentido ao termo. Quando são preferíveis descrições bastante amplas, elas devem aparecer como notas ou num glossário.



Termos na língua materna também podem ser modificados para corrigir a falta de equivalentes aceitáveis. As línguas são flexíveis como ferramentas de comunicação, e por isso é possível fazer novas combinações de termos para expressar conceitos novos ou para evitar conotações ou denotações negativas. Por exemplo, a cruz era um objeto sagrado venerado pelos chol, e o pajé falava com ela como fonte de informação e de poder. Há vários lugares no Novo Testamento onde se fala da cruz de maneira comparativa ou figurativa, referindo-se ao que aconteceu na cruz. Paulo, por exemplo, quando escreve aos gálatas, diz com certa paixão: “Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.” Tais referências à cruz poderiam ser interpretadas pelos chol em termos das cruzes de madeira usadas pelos pajés e pelo povo em geral. Para evitar esta possível confusão, nestas instâncias as referências à cruz sempre foram modificadas com explicações que incluíam a idéia do evento que ocorreu numa cruz específica em certo momento e lugar histórico.

As novas combinações precisam ser completamente naturais tanto gramatical como semanticamente. A combinação em si pode representar um conceito novo ou desconhecido, mas a maneira em que as palavras são combinadas precisa ser completamente natural. Quando novas combinações são introduzidas, é importante validar o significado de tais termos pelo seu uso e aceitação por parte dos crentes nativos.

Muitas vezes é possível achar uma expressão descritiva completa que define um conceito do Novo Testamento mesmo dentro das Escrituras. Em outras instâncias, um termo muito genérico pode ser modificado com modificadores específicos para chegar ao equivalente desejado. Alguns livros que tratam dos princípios de tradução dão exemplos que mostram como este método pode ser aplicado. Um componente que falta pode ser suprido com uma modificação ou um componente não desejado pode ser cancelado da mesma maneira.

### **Dependência De Contexto Para Transformar Um Termo Na Língua Materna Ou Um Emprestado Com Ou Sem Modificação**

Acabamos de discutir dois meios usados pelo tradutor para descobrir termos-chave adequados na tradução do Novo Testamento: (1) emprestar, e (2) modificar. Nestas instâncias, os equivalentes alcançados se consideram adequados. Isto é, não falta nenhum componente essencial e também não há componentes extras não desejados. O terceiro método faz uso dum termo da língua materna ou dum termo emprestado com ou sem modificações apesar do fato dele transmitir um componente não desejado ou faltar algum componente essencial. O uso deste meio se justifica à base de duas observações: (1) as modificações simples nem sempre são adequadas, e (2) é possível depender do contexto para corrigir certas falhas. Quando o mesmo termo ocorre em vinte ou mais contextos, a experiência demonstra que aquilo que se diz a respeito do referente influi no seu significado e pode ajudar a corrigir o entendimento do leitor. Este método depende do uso freqüente duma dada palavra em contextos variados para resultar num entendimento adequado do conceito da escritura em questão.

Frequentemente os termos na língua materna que são escolhidos para se referirem a seres sobrenaturais não possuem todos os componentes de significado desejados. Nestes casos, a dependência do contexto muitas vezes corrige ou diminui o problema.

Frequentemente os tradutores hesitam em usar um termo na língua materna quando este carece de algum componente desejado ou quando carrega outros que não são desejáveis. Em certas ocasiões tenho aconselhado certos tradutores a usarem determinado termo na língua materna, pelo menos nos seus materiais preliminares. Há algumas boas razões para seguir este método, contanto que seja feito com cuidado.

As Escrituras parecem sugerir uma preferência pela identificação de Deus dentro do contexto cultural do povo para o qual a tradução está sendo feita. Quando Paulo estava em Atenas (Atos 17.23-30), ele dedicou grande parte de sua mensagem à tarefa de identificar o Deus das Escrituras com o deus desconhecido do povo. De maneira semelhante, quando Jesus falava com a mulher perto do poço (João 4.20-24), ele achou necessário primeiro identificar Deus dentro do contexto específico dela. O uso bem sucedido de termos numa língua materna, mesmo quando alguns deles precisam de influência corretiva de contexto, faz a tradução mais relevante desde o início.

Está claro que um termo emprestado pode ser tão relevante quanto um termo da língua materna. Porém, um termo emprestado numa sociedade onde há uma pluralidade de deuses pode em pouco tempo chegar a ser considerado como o nome de vários deuses, e não de um só Deus. Neste caso e também em alguns outros, geralmente é preferível usar um termo na língua materna, especialmente quando os componentes cruciais para uma descrição de Deus, ou pelo menos a maioria deles, estão presentes. Alguns destes componentes são:

1. poder sobrenatural,
2. pessoal,
3. controle sobre a natureza e o homem,
4. criador de tudo,
5. moral,
6. único—isto é, ele é o único verdadeiro Deus,
7. eterno—ou seja, não criado.

O termo para Deus que se encontra na língua materna pode não ser satisfatório desde todas estas perspectivas. Pois seria difícil uma comunidade não-cristã sustentar uma percepção correta de como Deus realmente é. Frequentemente algumas das atividades nas quais um Deus da cultura pode se envolver seriam consideradas nada éticas, ou até imorais. Em geral nós somos conservadores e preferimos emprestar um termo de pouco ou nenhum significado, ao invés de usar um termo relevante ao povo mas que carrega alguns componentes perturbadores. Sem dúvida, é necessário usar de bom juízo nestes casos, mas a nossa tendência é de não valorizar suficientemente o poder do contexto e da experiência cristã para modificar não só as conotações duma

palavra, senão também suas denotações. Por exemplo, a palavra para Deus na língua chol não só se referia ao Deus que possuía todos os componentes cruciais acima mencionados, mas também ao sol, à lua, à cruz, e a várias imagens na igreja local. Tentar modificar esta palavra para que ela não se referisse a esses outros seres seria impossível para o tradutor a não ser que ele fizesse um parágrafo inteiro de explicação. Pelo contrário, foram o contexto e a experiência cristã que removeram estas referências negativas da palavra para “Deus”. Neste caso uma palavra emprestada e completamente assimilada e relevante ao povo chegou a ser corretamente entendida através da influência do contexto.

Um segundo exemplo demonstra como a conotação duma palavra foi alterada mediante o contexto. O conceito “morrer” em Chol se expressava com a palavra ch.mel. Esta palavra usava-se para falar da morte duma criança ou dum parente, e também se trocava com outro termo (jilel), que significava deixar de existir. Portanto, a morte carregava consigo a idéia de finalidade, de nenhuma esperança para o futuro. Com a entrada do Evangelho, a palavra para morrer (ch.mel) perdeu suas conotações negativas através do contexto das Escrituras. Hoje em dia os cristãos não usam mais a palavra jilel, que significa “não existir mais” para se referir à morte de um dos seus filhos ou de outro crente. Nunca ouvi uma descrição exata do uso destas palavras, porém a visão cristã da morte física tem diminuído o significado de uma palavra (jilel) e modificado as conotações de outra (ch.mel.)

A tradução certa para o conceito bíblico de pecado é sempre um desafio para o tradutor. Todas as sociedades têm uma ou mais palavras que se referem a comportamento ou a atividades que se consideram errados. Frequentemente, porém, a palavra ou palavras que possivelmente poderiam ser usadas para representar o conceito de pecado são bastante restritas e específicas quanto às atividades inaceitáveis a que se referem. Quando se determina que as palavras são restritas demais quanto à sua área de aplicação, mesmo que não apareçam atividades inaceitáveis na lista, é improvável que a influência de contexto seja de ajuda. Por exemplo, pode haver uma palavra separada para pecados cometidos contra Deus que abrange poucas atividades, e uma segunda palavra que se refere a pecados cometidos contra outras pessoas. É provável que a primeira palavra se focalize na observação de rituais e a segunda em pecados extremos contra outras pessoas. Por outro lado, pode haver duas palavras, uma que representa pecados que resultam das tentações do Diabo e outra que representa pecados que resultam dos próprios desejos. Em certas situações difíceis, a melhor solução pode ser combinar as duas palavras numa tentativa de representar o conceito bíblico do pecado. Geralmente, porém, é possível achar outra solução melhor.

Às vezes existe um só termo na língua materna, cujo significado não é totalmente paralelo ao conceito do pecado encontrado na Bíblia, mas que gera extensivas listas de pecados diferentes dependendo do ajudante a quem se pergunta. Frequentemente as listas dadas por diversos falantes da mesma língua diferem muito uma da outra quanto àquilo que se considera pecado ou não. Isso sugere que o termo não está nitidamente definido mas que pode ser modificado e que provavelmente será facilmente corrigido pela influência do contexto.

Quando os termos para pecado na língua materna são muito limitados quanto à área de significado que abrangem, os ajudantes bilíngües e os tradutores nativos semi-independentes frequentemente sugerem estes termos como equivalentes para o pecado. Depois de investigar estas opções, elas sempre têm que ser rejeitadas por serem tão ligadas à cultura que não podem representar bem o conceito bíblico. Na maioria dos casos deste tipo, um termo genérico que se refere a qualquer tipo de erro pode no início parecer fraco demais por incluir erros tais como deixar cair um prato ou tomar a estrada errada durante um viagem. Porém, muitas vezes estes termos genéricos constituem a melhor escolha quando se considera a influência do contexto. Quando se torna óbvio que o termo genérico não é aceitável, ele pode ser modificado para definir com mais clareza o seu significado. Isso foi feito em uma das línguas da família Mixe, o que resultou num termo que definia o pecado como fazer o que Deus considera mau.

Apesar de tomar as precauções necessárias em usar termos emprestados ou palavras da língua materna, que são de alguma maneira inadequados, repetidas experiências demonstram que o contexto tem ampliado ou modificado o sentido de tais termos, resultando no entendimento correto deles. Uma dependência discreta da influência do contexto é importante para uma tradução das Escrituras fiel, correta e relevante para a cultura.

## CONCLUSÃO

Dos métodos relevantes à tradução de termos-chave do Novo Testamento que são discutidos no presente trabalho podemos tirar pelo menos duas implicações importantes:

1. O contexto cultural no qual atua uma língua forma a base dos significados dados às palavras e construções pelos falantes dela. O tradutor só pode comunicar eficazmente se ele entrar naquele contexto geral.
2. Precisa sempre haver uma ênfase na necessidade de orientação sociolingüística e antropológica na tradução.

O alvo na tradução é utilizar termos disponíveis que procedem dum contexto não cristão de tal maneira que seu uso nas Escrituras lhes dê o sentido certo na representação do contexto e da mensagem original. Para alcançar este alvo, precisa haver uma integração equilibrada entre lingüística, estudos bíblicos/exegese, princípios de tradução, alfabetização e antropologia. Se deixarmos de fazer exegese, a mensagem será distorcida mesmo que controlemos bem estas outras disciplinas. Se falharmos na área lingüística, os resultados serão desastrosos ou, na melhor hipótese, nada naturais. Se falharmos na área da alfabetização, que valor terá uma boa tradução? Se falharmos quanto ao nosso entendimento cultural e antropológico que nos ensina como o povo usa sua língua em circunstâncias diferentes, estamos apenas nos enganando ao pensar que temos uma boa tradução.

Consideremos o tradutor que estava testemunhando e usou a palavra errada para o conceito de pecar. Com efeito, ele estava dizendo que tinha cometido adultério e foi descoberto e que tinha roubado grandes quantidades de dinheiro e foi pegado em flagrante, e por isso precisava de um Salvador. Sua afirmação, “Você também tem

pecado e precisa dum Salvador” foi recebida com risadas e negações da parte das pessoas.

Outro tradutor deixou de usar o exame obverso ao determinar qual a palavra mais adequada para “arrepender-se.” Ele deu um exemplo hipotético e recebeu do ajudante uma palavra que parecia concordar com sua própria idéia do que era o arrependimento. Quando o livro de Atos estava sendo verificado, assustou-se ao descobrir que o termo só era usado nos processos judiciais quando uma testemunha, depois de contar a verdade contra o acusado, sente pena dele, muda de pensamento, e resolve mentir.

Nida conta o caso dum tradutor que usou a expressão “Boas Notícias” para se referir ao evangelho. Depois ele descobriu que esta expressão se usava principalmente quando se fazia emboscada para matar o inimigo. Quando tinham certeza de que sua flecha iria matar o homem numa aldeia inimiga, usavam a expressão “boas notícias.”

Lee Ballard, verdadeiro mestre dos meios de pesquisar informação sociolinguística, explica que após exame mais aprofundado, descobriu que a palavra que ele usava para pecadores na sua versão experimental de Marcos, significava na realidade pessoas com deficiência mental, cegos, aleijados, pessoas com os pés deformados, paralíticos e loucos.

O tradutor que não é apenas sincero no seu desejo de produzir uma tradução que represente bem as Escrituras originais, mas que também quer uma tradução natural, inteligível e altamente relevante ao povo, não vai se esquecer da importância da antropologia e a sua contribuição à qualidade da sua tradução.